



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**JÉSSICA KAROLYNE MUNIZ DE JESUS**

**DOCUMENTÁRIO:  
Diálogos entre a Ciência e a Religião na perspectiva do  
Cristianismo**

Salvador

2018



JÉSSICA KAROLYNE MUNIZ DE JESUS

**DOCUMENTÁRIO:**

**Diálogos entre a Ciência e a Religião na perspectiva do  
Cristianismo**

Memorial descritivo do documentário “Diálogos entre Ciência e Religião na perspectiva do Cristianismo”, apresentado como requisito de avaliação parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação Social, da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Profª Simone Terezinha Bortoliero

Salvador  
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

JÉSSICA KAROLYNE MUNIZ DE JESUS

**DOCUMENTÁRIO:  
DIÁLOGOS ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO NA PERSPECTIVA DO  
CRISTIANISMO**

Memória descritiva de produto experimental aprovado em: 23/07/2018 para  
obtenção de grau de Bacharel em  
Comunicação com habilitação em  
Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA:

Prof<sup>a</sup>. Dr. Simone Terezinha Bortoliero (Orientadora)

Prof<sup>o</sup>. Dr. José Roberto Severino

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cleidiana Patrícia Costa Ramos

Salvador  
2018

*Ao meu Amado mais lindo, Jesus  
que grandes coisas fez, faz e fará.  
e para meus queridos pais, Jane e Mário,  
pois sem eles não faria nada.*

## AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida, graça diária, amor incondicional e um zelo incrível de pai, não mereço nada disso! Obrigada, pai, por estar comigo todos os dias, me tirar de um lugar que eu já não tinha forças para sair, segurar minha mão e caminhar comigo, sendo minha principal fonte de sustento e forças!! Minha força e coragem vêm só de ti!! Seja tua toda Honra, Glória e Louvor!!

Agradeço imensamente aos meus pais, Jane e Mário pelo amor, criação, cuidado e todo esforço para proporcionar-me uma educação de qualidade e uma vida melhor. Mesmo sendo difícil em alguns momentos abrir mão de todo zelo e preocupação, vocês não pouparam esforços e contribuíram para que eu saísse da zona de conforto na luta para alcançar meus sonhos e objetivos. Vocês são meus maiores exemplos de trabalho, persistência e coragem. É por vocês e para vocês também!

Obrigado meus irmãos, Geiza, Jefferson e Anderson, e seus respectivos cônjuges César, Elane e Débora, também tia Carminha por me motivarem a prosseguir diante das batalhas diárias, por se importarem com minhas escolhas, sempre demonstrando orgulho por cada vitória. Agradeço também a minha avó Marizete, apesar da distância, sei que muito das bênçãos do Senhor sobre mim é fruto de uma vida de intercessão dela.

Sou muito grata a Deus pelos mais que amigos, “*Frenons*”, irmãos de outra mãe e único Pai, que fui presenteada. Pessoas que me dão suporte diário para eu ser quem sou, estão ao meu lado seja para chorar ou sorrir comigo. Obrigada “migs”, Bruna Cruz pela fé inabalável e inspiradora, especialmente por acreditar e motivar-me a crer a cada situação, assim como Caroline Fonsêca, minhas irmãs brancas. Meus agradecimentos ao grupo *Comissão Eleita*: Débora Montalvão, Douglas Moura, Larissa Santana, Ludmilla Neves, Zaion Caled, minha trajetória na UFBA foi melhor depois que nós encontramos. Obrigada por cada resenha, zoeira, oração, apoio principalmente nessa reta final. Muito Obrigada, Déa, outra sis, companheira de labuta na Conclusão de Curso, dividiu de perto comigo expectativas, ansiedades, medos e dificuldades nessa fase tão decisiva de nossas vidas, mas nos tornamos inabaláveis no clamor de guerra e vamos vencer juntas também. Lud e Zai, obrigada pela escuta, apoio, orações e por saberem que no final iria “dar bom”. Agradeço aos amigos muito especiais, mesmo que mais distantes por ocasião da correria diária, tenham certeza que fazem parte de tudo isso também, Kamila Vieira minha amiga psicóloga favorita, Larissa Dourado minha mana mais

velha querida, Mateus Cabral, mano, parceiro que vibra com euforia e felicidade por cada conquista minha. Sou grata pela vida de Lisandra Rodrigues, chegou de mansinho, mas já tem um espaço reservado na minha vida, obrigada por esse coração lindo e disponível a ponto de deixar seus próprios problemas de lado e interceder ao sentir meu perfume. (entendedores entenderão!)

Obrigada, minha orientadora e coordenadora de Agência, Professora Simone Bortoliero, por enxergar em mim alguém com potencial para contribuir e aprender mais de perto com a Senhora, mostrou-me novos caminhos através da Ciência. Sua entrega e paixão pelas causas que milita é inspiradora, mesmo diante aos desafios e problemas podendo até se abalar, é humana, mas não se entrega sem antes lutar. Minha história na Facom se tornou melhor, graças a Senhora. Obrigada por tudo!!!

Agradeço de coração à Nádia Conceição, pela paciência, amizade, resenha e por se doar tanto pelo desenvolvimento da Ciência, pela continuidade e relevância da Agência. Você é uma grande mulher. Certamente levarei muito da sua dedicação por onde for. Agradeço às meninas da Agência, em especial, Rebeca, pela companhia, cúmplice e resenha que foi crescendo a cada carona.

Meu agradecimento aos grupos *CRU* e *Alicerçados na Rocha* por se doarem tanto para edificar outras vidas, trazendo a Glória de Deus para Universidade. Sou muito grata à Deus por Ele ter colocado vocês em meu caminho para me manter firme e perseverante nessa loucura de vida acadêmica. Sentirei falta de cada momento de reunião e comunhão. Quantas vezes me encontrei perdida ali e vocês me ajudaram. Em especial, Gabriela Amado, Lucas Nogueira, Maira Eloá, Vanessa Oliveira, Zaion Caled e muitas outros irmãos especiais. Por favor, continuem até que cada estudante conheça alguém que verdadeiramente segue a Cristo.

Fui muito feliz em compartilhar da “Experiência Facom”, principalmente nas disciplinas de oficina com Sara Simas, Milena Teixeira, Lara Pinheiro, Cleane Lima, cada uma com suas personalidades, visão de mundo e futuro, mas nos conectamos de uma forma especial. Sarinha e Mi, vocês são incríveis, obrigada por acreditarem também! Certamente foi um encontro muito bom para todas. As guardo no coração, da mesma forma que levarei para vida os encontros e amizades que fiz durante o curso do Bacharelado Interdisciplinar, Arisneuzza Souza, Diego Raian e Isaías Rios.

Meus singelos agradecimentos à todos que participaram e cooperaram direta e indiretamente para a concretização desse projeto. Aos professores, pesquisadores entrevistados. À todos os professores da UNASP, pela confiança e tratamento extraordinário para comigo, em especial Janaína Xavier sua disponibilidade em me

ajudar foi linda e impressionante. Agradeço meus convidados de banca: Professora Cleidiana Ramos e Professor Roberto Severino por aceitarem de imediato o convite para testemunhar e colaborar para o êxito final do Trabalho. É uma honra tê-los na banca. Obrigada!!

Por fim, mas não menos importante, pelo contrário, muito fundamentais na minha caminhada. Agradeço e glorifico à Deus imensamente pela vida do Pastor Maurício, Pastora Cris, Priscila Couto, Sunamita Guedes e Flaviane Couto por todo auxílio, suporte de espiritual, fé, amor e perseverança, vocês são meus exemplos de padrão dos fiéis.

Acredito que Gratidão é uma das maiores dádivas de Deus. Guardo todas os detalhes, seja pequeno ou grande das coisas que fizeram, fazem e farão por mim. Obrigado à todos(as) por tudo, vocês são essenciais para mim!! Amo vocês!!!

***“Não deixo de dar graças por vocês, mencionando-os em minhas orações.”***  
***Eféios 1:16***

***“Deem graças ao Senhor, porque ele é bom. O seu amor dura para sempre!”***  
***Salmo 136:1***

## SIGLAS

<b>CNPQ</b> Tecnologico	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
<b>CT&amp;I</b>	Ciência, Tecnologia & Inovação
<b>DSLR</b>	<i>Digital Single-Lens Reflex</i>
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>SBPC</b>	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UNASP</b>	Universidade Adventista de São Paulo
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas



*“Porque dEle e por Ele,  
e para Ele são todas as coisas” Romanos 11:36*

## RESUMO

Este trabalho é a memória descritiva do produto audiovisual de formato documental “Diálogos entre a Ciência e a Religião na Perspectiva do Cristianismo”, cujo objetivo principal é possibilitar um diálogo salutar na academia e fora dela de duas culturas fundamentais para o avanço da humanidade até aqui, a Ciência e a Religião. O documentário pode ser acessado no link: [https://youtu.be/A6uutti\\_xK4](https://youtu.be/A6uutti_xK4)

Considerando a contribuição individual e valor histórico e social de ambas, este trabalho propõe o rompimento de estereótipos e quaisquer barreira que impeça o debate de acontecer de forma enriquecedora, e sobretudo, respeitosa. O documentário é um produto com onze entrevistados, sendo eles, professores, pesquisadores de instituições de ensino públicas e privadas, que comentam sobre a relação da Ciência e Religião, como vêm se desenvolvendo ao longo dos séculos, a ideia constante que estão sempre em situação de conflito, e se diante disso há possibilidade de “caminharem” juntas, sendo destacado em cada depoimento os fatos mais relevantes. Por fim, porém, não menos importante, um dos objetivos é despertar o interesse pela Ciência seja de crentes ou céticos, a fim de promover a Ciência através da divulgação científica, como instrumento disponível para todos os públicos, seja para consumo ou produção científica.

**Palavras-chave:** Ciência, Religião, Documentário, Cristianismo, Fé, Divulgação Científica.

## SUMÁRIO

<b>1. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>12</b>
<b>2. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>3. ASPECTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>17</b>
3.1. O documentário.....	17
3.2. Ciência.....	18
3.3. Religião.....	21
3.4. Ciência X Religião.....	22
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>28</b>
<b>5. O PRODUTO.....</b>	<b>30</b>
5.1. Filmagens.....	30
5.2. Áudios e trilhas.....	32
5.3. Decupagem, montagem e edição.....	33
5.4. Dificuldades Enfrentadas.....	35
5.5. Entrevistas.....	38
5.6. Estratégias de divulgação.....	42
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>44</b>

## 1. JUSTIFICATIVA

Por estar ambientada, no jornalismo, como estudante e profissional da área, logo, reconheço-me também, no papel de consumidora e participante ativa do meio. Tudo começou através da *Revista Superinteressante*. Tornei-me assinante do produto já na Faculdade, e coincidiu que posteriormente, passei a trabalhar com jornalismo especializado em Ciência, na Agência de Notícias em CT&I Ciência e Cultura<sup>1</sup>. Cheguei a cogitar no anteprojeto para o Trabalho de Conclusão de Curso fazer uma análise jornalística com revistas científicas, no caso a “*Super*”. À medida que fazia as leituras das matérias, com destaque para as reportagens sobre religião, passei a incomodar-me com a forma com que eram abordadas, principalmente as relacionadas a Bíblia e ao Cristianismo. Senti, portanto, uma rejeição, além do desprezo imparcial por parte do editor no conteúdo das matérias.

A partir do incômodo gerado, me propus a pesquisar e identificar de forma mais concreta as inquietações que trazia para delimitar o recorte para o TCC, especialmente, sabendo que não era apenas “mais um trabalho acadêmico”, e sim, O trabalho! Por ter afinidade de anos com audiovisual, descartei a possibilidade da monografia e apostei todas as “fichas” no produto documental.

A religião, mais precisamente o cristianismo, é um tema que também corresponde a minha trajetória pessoal. O que contribuiu para fortalecer a escolha para o recorte, por ser cristã e encontrar na Bíblia, um livro muito interessante de ser trabalhado no ambiente acadêmico, por sua riqueza nos diversos aspectos desde intelectual, cultural, espiritual e porque não, científico. Infelizmente, é fácil identificar o olhar de desdém relativo a temáticas religiosas, por parte de muitos professores e pesquisadores. As concepções que sofrem forte influência das idéias positivistas, que as crenças estão fora do escopo definido como padrão de racionalidade ou simplesmente por visões e representações preconceituosas que associam o tratar da religião como fanatismo, imposição de dogmas religiosos e que também não podem agregar nenhum conhecimento novo, contribuindo para o crescimento cultural e intelectual da sociedade. Puccini afirma: “Documentários podem ter origem em desejos pessoais de investigação e divulgação de determinados assuntos presentes em nossa história e sociedade.” (PUCCINI, 2012, p. 26)

---

<sup>1</sup> Projeto de divulgação e popularização da Ciência, criado em 2011, pela professora doutora Simone Terezinha Bortoliero. O projeto foi idealizado dentro do curso de Especialização em Jornalismo Científico e Tecnológico, em 2010, na Faculdade de Comunicação, onde o projeto também é sediado. Informações em: [www.cienciaecultura.ufba.br](http://www.cienciaecultura.ufba.br)

Por fim, espero que o corpus da pesquisa, que gerou o produto final, além do contentamento e satisfação pessoal, contribua para interação, compartilhamento, respeito e desconstrução de pensamentos, principalmente, para aqueles que atribuem por aí a fora, que a “fé é cega, burra, não pensa, não tem senso crítico.” Como o filósofo e teólogo Agostinho de Hipona afirmou, é preciso compreender para crer, na mesma proporção que é necessário crer para compreender.

## 2. INTRODUÇÃO

Desde dos primórdios da humanidade sabe-se que a medida em que a ciência e tecnologia avançam elas contribuem significativamente para o desenvolvimento da sociedade. A relação entre Ciência e Comunicação teve início em meados do século XV, propiciado principalmente pelo advento da prensa de Gutenberg na Europa. A máquina de impressão proporcionou o surgimento do que hoje entende-se como divulgação científica, pois, a partir disso a comunidade científica se expandiu e o compartilhamento dos trabalhos tornou-se mais acessível, mas ainda restrito às elites letradas da época. Fabíola de Oliveira, em seu livro “jornalismo científico”, destaca que apesar do jornalismo científico só surgir dois séculos depois da impressão do primeiro livro, a distância temporal pode ser considerada curta, compreendendo que as modificações sociais eram mais gradativas e prolongadas.

Entre o momento em que o alemão Johann Gutenberg e seus associados publicaram em, 1455, a famosa Bíblia de Gutenberg, primeiro livro completo impresso na máquina de tipos móveis, e o advento do jornalismo científico passaram-se cerca de dois séculos. Não é muito tempo para uma época cujo os processos de mudanças sociais eram bem mais lentos do que os que conhecemos hoje. (OLIVEIRA, p. 17)

Oliveira acrescenta que a Inglaterra foi o berço da divulgação científica, a partir do ápice da revolução científica no século XVII, e “começa a intensa circulação de cartas expedidas por cientistas sobre suas ideias e novas descobertas.” (OLIVEIRA, p. 18), facilitada também pela ruptura do Latim como idioma dominante por causa da religião, ou seja, o acesso aos materiais em diversas traduções corroborou com a difusão do conhecimento científico. No entanto, o jornalismo científico propriamente dito como carreira ganhou notoriedade com o alemão Henry Oldenburg:

A combinação do caráter informal e fragmentado das cartas com o potencial de alcance do texto impresso foi logo percebida por

Oldenburg, que com sua capacidade empreendedora inventou assim a profissão de jornalista científico. Com o novo gênero literário da época, o jornalismo científico abriu espaço para a divulgação das mais destacadas notícias dos tempos modernos. Para confirmar o reconhecimento do trabalho profissional de Oldenburg, a sua produção de cartas impressas de divulgação científica passou a ser remunerada a partir de dezembro de 1666. (OLIVEIRA, p. 19)

Em oposição aos países Europeus e Estados Unidos, o Brasil é marcado pelo atraso científico, que possui extrema relação com a colonização exploratória que o país sofreu de Portugal. A pesquisa científica só passou a se desenvolver no final do século XIX. Em 1948 foi criada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que atualmente reúne todas as comunidades científicas brasileira e “foi criada com a preocupação de discutir a função social da ciência.” (OLIVEIRA, p. 33). Menos de dez anos depois, em 1951, se deu a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq). “Reconhecido como a principal agência de fomento à ciência no país. É responsável pela manutenção de grande parte das bolsas de apoio a pesquisa(...) realiza ainda pesquisas próprias e atividades de informação e difusão de C&T.”. (OLIVEIRA, p. 30)

Oliveira aponta dois principais pioneiros da divulgação científica no Brasil. O jornalista, militar e engenheiro civil Euclides da Cunha, não conhecido popularmente como divulgador das ciências, mas que contribuiu a partir da cobertura do levante de Canudos em 1897, fez registros sobre variações ambientais, climáticas e geográficas do local, o que resultou em um livro com comentários de outras regiões brasileira. Outro importante nome é o de José Reis jornalista, médico e pesquisador é “considerado patrono do jornalismo científico no Brasil”(OLIVEIRA, p. 33), um dos seus marcos mais significativos, foi a fundação da SBPC mencionada anteriormente.

O jornalismo cumpre uma função social de aproximar os leitores da realidade que os cerca, logo, o jornalista é o intermediador fundamental nessa relação. Já o papel que o jornalismo científico exerce não se restringe a apenas transmissor de conhecimento sobre ciência para a sociedade, é necessário também traduzir e interpretar a cultura científica de maneira que a comunidade de modo geral, receba, aprove, compreenda e assimile, como afirma Martha San Juan França (2005). Fabíola de Oliveira (2002) compreende como casamento:

O casamento maior da ciência e do jornalismo se realiza quando a primeira, que busca conhecer a realidade por meio do entendimento da natureza das coisas, encontra no segundo fiel tradutor, isto é, o

jornalismo que usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade. (OLIVEIRA, 2002, p.43)

Wilson Bueno (2012) defende uma correta assimilação para distinguir as diferentes funções entre o jornalismo científico e divulgação científica. Apesar das duas serem destinadas também ao público leigo com objetivo de popularizar os conhecimentos e notícias acerca da ciência. Mesmo com a finalidade similar, Bueno não considera que toda divulgação científica pode ser considerada como jornalismo. “No entanto, jornalismo científico é uma corrente da divulgação científica porque é uma forma de exposição ao público leigo, seguindo critérios da produção jornalística.” (Assunção, 2012, p. 11)

Estamos acostumados com a compreensão de ciências sendo todas aquelas disciplinas do escopo da natureza, isso é um equívoco que perdura por anos e reflete nas fronteiras de atuação dentro do jornalismo científico. Não se pode limitar a cobertura do jornalismo científico somente às chamadas ciências naturais, como biologia, química, física ou aplicadas, engenharia e afins, mas inserir as ciências humanas, como filosofia, história, educação. (ASSUNÇÃO, 2012, p. 9) Pois o “jornalismo científico exerce o papel de agente facilitador da construção da cidadania, na medida em que democratiza o conhecimento.” (OLIVEIRA, p. 44). Para que a “ciência ajude a entender os fenômenos sociais e interpretar as causas e consequências dos fatos e de interesses jornalístico.” (*Ibid*, p.47). Entende-se então, que a chamada democratização não engloba apenas a transmissão e recepção do conhecimento para toda comunidade, não há como falar em democratização de saberes e restringir sua abrangência somente para alguns campos de conhecimento.

José Marques de Melo (2012) responsabiliza a estrutura correspondente a atual sociedade capitalista por tornar “público somente o que ocorre dentro dos laboratórios de pesquisa em algumas áreas do conhecimento e que desperte a emoção do receptor.” (ASSUNÇÃO, p. 10). O desenvolvimento do capital como alvo faz com que a divulgação esteja centralizada as ciências básicas, aplicadas e elimina as humanidades. Assunção critica a noção de apresentar a ciência “como algo autônomo sem depender de outras instâncias da sociedade.” (ASSUNÇÃO, p. 16) O que influencia também para a exaltação por parte dos cientistas, contribuindo assim para acentuar as estruturas, os interesses políticos e econômicos sem intenção de democratizar a ciência.

Oliveira comenta que há resistência por parte dos cientistas para com o jornalista científico:



O jornalista da área científica esbarra em dificuldades como o difícil acesso às fontes, pois as entidades e a própria comunidade científica, de modo geral, ainda não levam em conta o papel estratégico que a comunicação com o público representa para a sua própria sobrevivência, salvo raras exceções. (OLIVEIRA, p. 40)

Para Melissa Schröder a religião e a fé são relevantes para a ciência e para o jornalismo, não só por questões de mercado. E a atenção para tais assuntos é grande. Esse fenômeno se dá por conta dos anseios do público, além da constante e rápida transição dos seus interesses. Mas por entender que a ciência, em termos de método prático e empírico não possui todas as respostas para as inquietudes humanas. Cabe a religião atender essas demandas, não só de literalmente responder o inexplicável, mas de oferecer um caminho e sentido, mesmo que por determinantes invisíveis a olho nu, a observação em um microscópio, contidas no imaginário pela fé.

Sendo, “justamente esse inatingível pela razão, essa busca por dar sentido às situações da vida, que faz a religião ter tamanha importância na agenda do jornalismo.” (SCHRODER, 2015, p.34) A religião deve ser considerada em diversos aspectos, inclusive culturais, antropológicos e históricos e nem por isso, considerada ausente do perímetro científico, entendendo é claro, os parâmetros que a compõe.

A inserção de pautas ligadas à filosofia, religião e fenômenos sobrenaturais também é uma forma do jornalismo segmentado para atender uma demanda.(SOUZA, 2006) O Brasil como se sabe é repleto de miscigenação, logo, é normal a pluralidade religiosa constatada aqui, segundo os dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontam para 64,% de católicos, 22,2% evangélicos, espíritas 2% e outras religiões 3%. Vale ressaltar que os dados acima, não são para demonstrar uma religião como “superior”, muito menos desmerecer outras manifestações religiosas que porventura tenham uma porcentagem menor em relação a outras.

Portanto, dá para se constatar que todas as religiões podem sim ser relevante para a agenda do jornalismo, tanto para a promoção científica, estudos históricos e culturais.



### 3. ASPECTOS TEÓRICOS

*Não se conhece completamente uma ciência enquanto não se souber da sua história.*

**Augusto Comte, filósofo.**

#### 3.1. O Documentário

Bill Nichols autor do livro “introdução ao documentário” classifica os documentários em seis modos de representação, considerando-os como sub-gêneros inseridos ao filme documental. Ele organiza de forma cronológica, de acordo com o surgimento de cada modo. São eles: “poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.” (NICHOLS, 2005, p. 135). Apesar da divisão em sub-gêneros, Nichols explica que um filme documental vai ter sempre um modo que prevalece, porém, isso não faz com que ele seja a representação total, impossibilitando a presença de outros modos no vídeo, ele confirma que pode ter mais de um modo ativo no documentário.

Os documentários como representações do mundo são estabelecidos pelo discurso, especialmente, os considerados “*talking heads*” (cabeças falantes) documentários de entrevistas e depoimentos. As vozes do filme são os destaques pois manifestam interpretações de mundo, pontos de vistas, “transmitem significados, referem-se a sintomas e expressão valores em muitos outros níveis além do que é literalmente dito.” (NICHOLS, 2012, p.73). Logo, o destaque nesse meio é a retórica, oratória entendida por Nichols como o que “consegue abarcar razão e narrativa, evocação e poesia, mas faz isso com o objetivo de inspirar confiança ou instilar convicção no mérito de um determinado ponto de vista sobre uma questão controversa.” (NICHOLS, 2012, p.80)

As vozes presentes no documentário derivam da voz do diretor, cineasta e faz com que se torne uma única voz amplificada, intencional ou não de promover, persuadir e dar crédito ao discurso. “A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem.” (NICHOLS, 2005, p. 160)

Nichols considera que “a definição de documentário é sempre relativa ou comparativa” (NICHOLS, 2012, p.47). Portanto, o documentário não tem um

conceito concreto, pelo contrário tem um sentido vago, mas sua principal atribuição é representar o mundo através de uma estrutura lógica de imagens e sons, seja contemporâneos ou do passado.

“Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) de mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social.” (NICHOLS, p. 27)

Nichols argumenta que os documentários podem ser classificados de duas maneiras: o documentário de satisfação de desejo, que “expressam de forma tangível nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores. Tornam concreto - visíveis e audíveis - os frutos da imaginação”. (NICHOLS, p. 26) E documentário de representação social são considerados os filmes não-ficcionais “ Representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos(...)Expressam compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos.” (*Ibid*, p. 26,27)

O documentário apresenta proximidade com o cinema ficcional e com o jornalismo. O principal eixo de proximidade entre as rotinas do jornalismo e do documentário “é que os dois representam e oferecem visões de mundo e de seus acontecimentos.” (PINTO, p.79). Outro vínculo identificado se dá pela origem do documentário e dos chamados cinejornais, “Historicamente o documentário surge nas beiradas da narrativa ficcional, da propaganda e do jornalismo.” (RAMOS apud PINTO, p. 79). As séries de programas de “atualidades” que eram exibidos antes do filme ficcional, originou o que conhecemos hoje como noticiários. Porém, a partir do que entendemos hoje como noticiário, se relacionado ao telejornal, por exemplo, o documentário se difere pois não tem compromisso em representar situações cotidianas e/ou factuais. Bill Nichols então defende que o documentário é derivado do cinema de atualidades.

### **3.2. Ciência**

É indiscutível o valor que a ciência tem para humanidade, desde a era dos povos antigos, que já produziam ciência e conseqüentemente contribuíram com descobertas de grande valia para a sociedade, sem ao menos terem consciência,

que ao decorrer da história seriam transformadas e aperfeiçoadas. É fácil atribuir imageticamente a concepção da palavra ciência para: tubos de ensaio, laboratórios e pessoas de jaleco na ânsia por novas descobertas, entretanto essas ideias, ao longo do tempo acabaram por cair em declínio na medida com que as revoluções e mudanças sociais, políticas, econômicas, avanços tecnológicos, e outros.

Para o linguista e pesquisador Carlos Vogh (2009), é importante romper com a ideia de que a cultura científica é vinculada a obtenção de conteúdos científicos por meio único e exclusivo dos indivíduos. Vogh afirma que é preciso consolidar a ciência dentro do plano sócio-cultural. E propor uma estrutura equivalente a de um espiral que, “refere-se à dinâmica relação entre os diversos atores sociais na edificação de uma cultura científica.” Para não limitar a produção científica apenas para os cientistas e pesquisadores, e sim uma colaboração coletiva, principalmente que envolva a sociedade de modo geral, agregando saberes. Já que o sentido das ciências no seu aspecto mais amplo vem de conhecimento.

A pergunta que por décadas ecoa nos centros universitários, acadêmicos, laboratórios, pensamentos, discursos e livros: afinal, o que é ciência? Encontrar uma definição concreta do que é ciência, além de ser uma tarefa árdua para quem se debruça a investigar, logo, não é possível encontrar um conceito que englobe todos os pontos de vista acerca do que é Ciência. Portanto, proponho aqui primeiro, uma breve percorrida nos principais definições e correntes de pensamento acerca da ciência, ao longo da história.

A ciência, etimologicamente derivada do latim scientia (saber), que os gregos designaram episteme, conhecimento agregado ao que é verdadeiro, universal. Nascida no berço da civilização filosófica, logo, não poderia deixar de apresentar relação com a filosofia, já que através da mesma busca-se compreender o mundo através das diversas áreas e o valor do conhecimento era em si mesmo, a ciência contemplativa. “a filosofia era ciência das primeiras causas e primeiros princípios(...)a filosofia era a Ciência ou a Ciência era a Filosofia” (FONSECA, 1997). Para o teólogo Érico João Hammes, “a característica essencial da ciência é sua habilidade de aproximação metódica e rigorosa da realidade, com vistas à sua apropriação para uso” (2006, p. 544) Mesmo sem uma finalidade prática e visível, a relação com a realidade traz pontos relevantes e agregadores para o homem.

As primeiras concepções de ciência estão fundamentadas em crenças. O pensamento Aristotélico de que o mundo era dividido por dois grupos, o daqueles que possuem corpos mutáveis e imperfeitos, ou seja, os seres e corpos celestes

perfeitos. (TUFANNI, 2005) O sistema científico então, permaneceu baseado na crença, principalmente devido a autoridade da igreja na idade média. A visão aristotélica foi refutada em 1623 por Galileu Galilei (1564 - 1642), que propôs que o universo seria “infinito e homogêneo e passível de ser interpretado geometricamente.” (TUFANNI, 2005, p. 54) logo depois, ainda refutou a ideia de terra como centro do universo de Ptolomeu de Alexandria (87 - 151 d.C) Encontrava-se ali o começo do rompimento da concepção medieval de mundo e domínio científico da Igreja, que vai perdendo lugar para laicização, que buscava a ausência da religião e qualquer representação divina.

A ciência moderna nasceu a partir do renascentismo europeu, mas foi através do Iluminismo que se deu o rompimento total da Igreja frente ao Estado, e trouxe a autoridade da razão. Augusto Comte foi um dos principais representantes da corrente de pensamento que emergiu na Europa em meados do século XIX, o positivismo. Acredita na supremacia da ciência em relação a outras fontes de conhecimento humano, e a estabelece como única fonte relevante para construção do conhecimento verdadeiro e legítimo. A ciência foi reduzida aos métodos positivos. (Hammes, 2006, p. 547)

Comte afirma, com o que chama de estado fictício que “representa um momento em que o espírito humano está voltado, ainda, para uma explicação da realidade que é fruto de uma especulação fantasiosa e não do uso “racional” da razão humana.” (Brandão, 2011, p. 82). Assim como a metafísica é considerada um fase de transição do indivíduo até atingir o estado positivista. Em que só pode ser considerado ciência aquilo que pode ser quantificado, valoriza a análise do fato qualitativo do fenômeno. Observado sem interferência baseada em crenças pessoais dos cientistas. As crenças colocam à prova outros campos de saberes. Considerando as crenças: capacidade, sentimento, emoção de significado intrínseco. A ciência quer explicar e não ponderá-las. Os pensamentos de Comte contribuíram para a divinização da ciência ou como pode-se definir, cientificismo que torna a ciência divina quando a exalta e afirma ser o único conhecimento válido e confiável e superior epistemologicamente. Ideológica, quando se admite ser o único capaz de promover soluções para os problemas da sociedade. (NOVAES, 2008) Esse pensamento acaba por colaborar “para criar um estereótipo da neutralidade científica, isto é, a ciência como único conhecimento a possuir métodos que permitem uma busca isenta e imparcial da verdade.” (CHAUÍ apud Novaes, 2008, p. 24)

### 3.3. Religião

*Aquele que afirma ser cético em relação a um conjunto de crenças, é na verdade, um verdadeiro crente em outro conjunto de crenças.*

**Phillip E. Jonhson**

É repetitivo e soa até clichê ouvir-se que religião deriva do latim, “*religare*”, que supostamente significaria a reconexão, religar do homem com Deus, entretanto, esse sentido que é por aí compartilhado, é totalmente equivocado e incoerente. A palavra é *relegere*, advinda da igreja romana e fazia referência às práticas de rituais.

O conceito de *religio* que utiliza-se tem como origem etimológica o termo *relegere* que deixa transparecer a “atenção escrupulosa, o respeito, a paciência, inclusive o pudor e ou a piedade”. A prática religiosa romana está associada ao zelo, a uma relação respeitosa com os deuses que torna necessária a repetição precisa dos ritos. (AZEVEDO, 2010, p.91)

O primeiro sentido para a palavra de origem latina “religio” trazia referência a um agregado de leis, praxes, repreensões e impedimentos e não apresentava qualquer conotação a representações divinas, cultos e liturgias, que com o passar do tempo atribuímos como pertencentes às práticas de ritos religiosos. Para a historiadora Eliane Moura da Silva, o termo religião é uma criação da cultura ocidental, que tornou-se passivo de construções ao longo do tempo, ela confirma a ausência de “um significado original ou absoluto”, e ainda atribui que “o conceito “religião” foi construído histórica e culturalmente no Ocidente adquirindo um sentido ligado à tradição cristã.” (DA SILVA, 2004, p. 4)

Ao contrário, somos nós, com finalidades científicas, que conferimos sentido ao conceito. Tal conceituação não é arbitrária: deve poder ser aplicada a conjuntos reais de fenômenos históricos suscetíveis de corresponder ao vocábulo “religião”, extraído da linguagem corrente e introduzido como termo técnico. (DA SILVA, 2004, p.4)

Ouvir a palavra “religião” e não pensar em figuras divinas, denominações, dogmas e - que pela força do hábito designamos como pertencentes a instituições religiosas - é uma missão quase impossível de não fazer tais relações, porém, da Silva (2004),



chama atenção para a questão cultural. Que deve estar presente na aplicação e uso do termo “religião”, já que em algumas civilizações, das quais os percursos foram distintos da cultura ocidental e em sua língua raiz a palavra “religião” não tem significado algum, como o caso dos Hindus. Por isso, que os estudiosos do campo, cuidadosamente preferem aparar as arestas, a fim de evitar ruídos acerca do conceito, “religião é um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobrehumanos dentro de universos históricos e culturais específicos.” (DA SILVA, 2004, p.5).

Desde as civilizações mais remotas, a religião está presente como no período paleolítico é possível estabelecer o vínculo com as representações das pinturas rupestres nas cavernas. (Schröder, 2015). E com o passar do tempo, apesar de fases diversas da história e religiões divergentes, a religião continuou a ser instrumento fundamental na construção da compreensão pessoal e na ânsia humana por respostas e por se relacionar “com algo transcendente, ela é o sistema mediador entre o homem e entidades superiores.” (COUTINHO, 2012, p.6) A fé que motiva, incentiva, possibilita ao indivíduo encontrar caminhos fora dos padrões humanos, à procura da estabilidade e plenitude espiritual. É o contraponto do material intangível, que ainda traz a possibilidade de resolução de mistérios e fenômenos, que em suma, a natureza humana, não tem domínio.

### **3.4. Ciência X Religião - Instituições Religiosas X cientistas**

Mesmo diante de anos de pesquisa e estudos acadêmicos no campo da História das Ciência e Religião, ainda é lastimável que os mitos acerca do assunto sejam tão presentes e exaustivamente propagados em nossa sociedade. Entendendo assim como “mito” a atribuição no contexto de falseabilidade ou meia-verdade, fugindo aqui do sentido antropológico ou religioso. Devido a essas constantes lendas que o historiador Ronald Numbers, considera o esclarecimento como um dos fundamentais desafios “para retificar a compreensão do público acerca da ciência e religião esclarecendo mitos que ainda persistem desde o passado.” (NUMBERS, p. 1)

Tornou-se um pensamento quase universal, possivelmente por parte de um senso comum que a Religião, principalmente aquela denominada como religião institucionalizada - Igreja, mas nesse caso a igreja católica como instituição cristã pioneira e por assim dizer, principal vertente do Cristianismo - apresenta uma oposição histórica ao raciocínio científico e seu consequente avanço. Em contrapartida, por parte dos religiosos a ideia de que a ciência foi o principal

causador do desgaste da fé. E assim, essa noção de oposição vai perdurando por anos e anos tanto para o público geral, como também nas comunidades religiosas e científicas. Numbers explica que o pensamento em caracterizar a relação entre religião e ciência em torno de um conflito permanente é a mais “sedutora” dentro da comunidade acadêmica. “De fato, os dois livros mais lidos sobre a história da ciência e o Cristianismo têm em seus títulos as palavras “conflito” ou “guerra”.”.

Lançado em 1870 o livro John William Draper, cujo título é *A História do Conflito entre a Religião e a Ciência (The History of the Conflict between Religion and Science)*. “Constitui-se num longo discurso contra os católicos romanos e o que fizeram para inibir o progresso científico. Draper argumentou que a antipatia do Vaticano pela ciência deixou suas mãos impregnadas de sangue.” (Numbers, 2009 p. 1) Numbers também pondera a razão que motivou Draper em dedicar tantos anos de pesquisa em favor de sua rejeição e revolta pela Igreja Católica, foi de cunho pessoal. Após perder o filho, ainda criança e o fato de sua irmã, uma Freira ter demonizado a causa da morte, atribuindo a um livro que a criança gostava de ler, tendo também desdenhado do falecimento, fazendo com que Draper nunca a perdoasse por isso, e de certa forma gerou uma revolta pela instituição, religião de modo geral. Ele passou então a desconsiderar as produções científicas de todos aqueles que professavam a fé cristã, “Draper ignorou ou depreciou as contribuições científicas de muitos devotos católicos, de Copérnico e Galileu a Galvani e Pasteur.” (Numbers 2009, p.2)

Andrew Dickson White, é outro exemplo que alguém que dedicou seus escritos para declarar sua rejeição pessoal pela igreja, e aparentemente possui um tom mais pesado que Draper, White em seu livro *História da Guerra da Ciência com a Teologia na Cristandade (History of the Warfare of Science with Theology in Christendom)* lançado em 1896, “Ele descreveu o conflito entre o cristianismo e a ciência como uma série de batalhas travadas entre teólogos dogmáticos e de visão limitada e homens de ciência em busca da verdade.” Numbers 2009, p.2). A visão crítica de White de conflito era realmente em um contexto de guerra, “Era um conflito antigo, uma guerra que perdurou mais do que as batalhas mais violentas, com ações mais persistentes, com estratégias mais vigorosas do que quaisquer dos relativamente insignificantes conflitos armado de Alexandre, César ou Napoleão.”. (Numbers 2009, p. 2).

Ao contrário de Draper, White não depreciava o trabalho e pesquisa dos cientistas católicos nem muito menos dos descrentes, porém, apresentou os célebres

personagens como vítimas fatais da algaz religião, entre o século XVI e XVII, época que marcou como revolução científica e surgimento da ciência moderna:

Copérnico, ele disse, que havia ousado localizar o sol no centro do sistema solar. arriscou sua própria vida para publicar suas concepções heréticas e escapou às perseguições apenas por causa de sua morte. Muitos de seus discípulos tiveram um destino menos feliz. Giordano Bruno foi queimado vivo como um um monstro da impiedade; Galileu foi torturado e humilhado como pior dos incrédulos; Kepler foi caçado igualmente por Protestantes e Católicos. Andreas Vesalius, o médico do século XVI que estabeleceu os fundamentos da anatomia moderna ao insistir em cuidadosas dissecações diretas no corpo humano, pagou por sua temeridade, tendo sido caçado até a morte. (WHITE *Apud* NUMBERS, p.2,3)

Numbers, juntamente com outros pesquisadores da história das ciências refuta a tese de White que os cientistas mencionados pelo mesmo tenham perdido suas vidas em nome de suas ideias científicas. Numbers não desmente que Giordano Bruno foi de fato assassinado pela “Santa Inquisição”, entretanto o real motivo que culminou a condenação foi perpetuado de maneira errônea. Giordano Bruno foi incinerado “em razão de suas concepções heréticas em relação à divindade ou não divindade de Cristo e não porque ele acreditasse na infinitude do universo ou por ele ser copernicano.”. Enxergando por um contexto atual, não deixa de ser uma condenação arbitrária, partindo do pressuposto que ninguém deveria ser condenado e/ou penalizado simplesmente por não acreditar e professar uma fé em qualquer que seja a divindade. “Ele defendia a ideia de que Cristo não possuía um corpo humano e que sua morte na cruz foi mera ilusão, o que fez com que algumas autoridades eclesiásticas ficassem um pouco desgostosas com ele.” (NUMBERS, 2009, p. 3) Portanto, considerando o poder e domínio que o catolicismo detinha na ocasião, discordar das autoridades eclesiásticas era um caminho perigoso a trilhar.

Ao retomar outra história bastante conhecida, - e já mencionada aqui anteriormente - porém, com certas doses de equívoco é sobre o físico e astrônomo Galileu Galilei. Além da imagem que Galileu era um cético, zombador da Bíblia, o que não correspondeu à realidade, “Acontece que Galileu tinha uma crença inabalável em Deus e na Bíblia, e assim permaneceu a vida inteira. Ele acreditava que as leis da natureza foram escritas pela mão de Deus na linguagem da matemática.” (LENNOX, 2011 p. 31,32). Acerca da razão pela qual foi julgado, Lennox salienta que Galileu obteve apoio dos intelectuais cristãos, a ponto de ter seu trabalho em astronomia defendido, sendo fruto até de homenagem. A resistência se deu por parte dos



filósofos seculares que ficaram enfurecidos diante das críticas de Galileu a Aristóteles.

No espírito da ciência moderna em desenvolvimento, Galileu queria decidir teorias do Universo baseando-se em evidências, não em argumentos fundamentados em apelos a postulados apriorísticos em geral e na autoridade de Aristóteles em particular. E, assim, ele passou a observar o Universo pelo telescópio e o que ele viu deixou em frangalhos algumas das principais especulações astronômicas de Aristóteles. Galileu observou manchas solares, que deformavam a face do “sol perfeito” de Aristóteles. Em 1604 ele descobriu uma supernova, o que lançou dúvidas sobre os “céus imutáveis” de Aristóteles. (LENNOX, p. 32)

Galileu deu início a derrocada da visão aristotélica predominante na época, além do fato da Igreja Católica Romana se sentir ameaçada devido a Reforma Protestante, logo a Igreja considerou como forte ameaça qualquer objeção ao aristotelismo. Lennox afirma que a oposição não foi intensificada somente por fatores de oposições políticas e intelectuais: “O ciúme e também - é preciso dizer a falta de sensibilidade diplomática de Galileu foram fatores que agravaram o caso.” (LENNOX, p. 33).

E complementa: “Ele irritou a elite de sua época escrevendo em italiano, não em latim, a fim de transferir algum poder intelectual à pessoas comun. Ele estava compromissado com o que mais tarde seria chamado de entendimento público da ciência.” (LENNOX, p. 33). Ou seja o objetivo de Galileu era ampliar o conhecimento científico e romper com estruturas e cosmovisões arcaicas e errôneas, que já haviam sido refutadas por Copérnico e outros.

Sobre seu julgamento e condenação em 1633, imputaram-lhe um destino de forte tortura física, prisão na masmorra e em algumas “rodas” atribuem até a morte, assim como aconteceu com copernicano Giordano. Para corrigir esse pensamento Numbers esclarece:

Sabemos hoje que aparentemente ele nunca foi fisicamente torturado - ele pode ter vivido um sofrimento mental considerável, mas nunca chegou a ser fisicamente torturado. Ele deixou a cidade de Florença e foi para Roma em 1633. Quando chegou lá - para seu julgamento - ele permaneceu inicialmente na Embaixada da Toscana e não em uma prisão

ou gabinetes da Inquisição. Os poucos dias que passou dentro do Vaticano durante seu julgamento não foram dentro de uma cela, mas em um apartamento especial com três cômodos disponibilizados para ele como convidado de honra de um dos padres que faziam parte da Inquisição. Para tornar sua estadia a mais agradável possível, eles permitiram que suas refeições fossem preparadas pelo cozinheiro-chefe na Embaixada Italiana e trazidas a essa “não cela. (Numbers, 2009, p. 3)

Para desconstruir o pensamento da masmorra e prisão, Numbers confirma: “ Após sua condenação, ele não foi encarcerado mas ficou detido em regime de prisão domiciliar, primeiramente na Villa Medici em Roma, depois no Palácio do Arcebispo em Sienna onde ele permaneceu por um longo período e, então, finalmente em sua própria casa de campo nos arredores de Florença.” (NUMBERS, p 3).

Lennox, então conclui que:

Não há, é óbvio nenhuma desculpa aceitável para a Igreja Católica Romana fazer uso do poder da Inquisição para amordaçar Galileu, nem para depois levar vários séculos para “reabilitá-lo”. Mas deveríamos observar que, uma vez mais contrariando a crença popular, Galileu nunca foi torturado, e sua subsequente “prisão domiciliar” foi vivida, na maior parte, em luxuosas residências privadas de amigos dele. (LENNOX, p. 33)

Além das questões políticas, intelectuais que cercam o debate da ciência e a religião, encontramos a forte presença da ideia de que a ciência tem um papel essencial, na chamada secularização. Numbers cita o caso de Charles Darwin, autor da teoria da evolução, seleção natural, é claro, que as teorias darwinistas contribuíram para que algumas pessoas perdessem sua fé, entretanto, o próprio Darwin não rompeu com sua fé, devido a seus trabalhos, pesquisas e concepções científicas, ele perdeu a fé por vivências pessoais que o impeliram a crer em Deus. (NUMBERS, p. 4)

Todo esse histórico corrobora para concepção de muitos cientistas de que a religião se contrapõe com a ciência, já que a ciência também busca compreender o mundo, mas a partir da experimentação, evidências e fatos, que muitas vezes a fé pode não trazer de forma concreta a ser verificada, como se exige nas ciências.

Na perspectiva do professor de química da Universidade de Oxford, Richard Dawkins, o desprezo pela fé e religião é visível em seus estudos, pois ele confere a um caráter totalmente negativo, além da tentativa constante de desvincular a religião da ciência, desconsiderando totalmente qualquer importância cultural e valor ao conter “resposta aos problemas sociais e humanos” (Schröder) ao longo das civilizações. Dawkins chega a comparar a fé com uma doença epidemiológica:

Eu acho natural argumentar que a fé constitui um dos grandes males do mundo, comparável ao vírus da varíola, só que mais difícil de erradicar. A fé, sendo uma crença que não se baseia em evidências, é o principal vício de qualquer religião. (DAWKINS *apud* LENNOX, 2009)

Para o historiador das religiões Mircea Eliade alguns princípios religiosos estão predispostos nos seres humanos desde nascimento, uma bagagem adquirida dos antepassados. Que podemos atribuir para o *fundamentalismo*<sup>2</sup> a religioso de Dawkins e muitos outros cientistas.

O homem a religioso no estado puro é um fenômeno muito raro, mesmo no mais dessacralizada das sociedades modernas. A maioria dos “sem religião” ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato. (ELIADE<sup>3</sup> *apud* Schröder, 2015, p. 37)

É possível perceber que até mesmo o cético mais convicto, possui intrinsecamente uma carga de crença, mesmo que seja predisposta a não crer em representações divinas. Os cientistas ateus, agnósticos e panteístas também possuem suas crenças, embora o culto seja a própria ciência.

Existe um tipo de religião na ciência[...] todo efeito deve ter sua causa; não existe causa primeira [...] essa fé religiosa do cientista é violada pela descoberta de que o mundo teve um começo sob condições nas quais as leis conhecidas da física são válidas e como um produto da força e circunstâncias que não podemos descobrir. (JASTROW *apud* Geisler, 2004, p. 49)

---

<sup>2</sup> É o termo usado para se referir à crença na interpretação literal dos livros sagrados. Fundamentalistas são encontrados entre religiosos diversos e pregam que os dogmas de seus livros sagrados sejam seguidos à risca. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-que-e-fundamentalismo> Acesso em: 06 de Setembro de 2017

<sup>3</sup> ELIADE, Mircea. Tratado de histórias das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

Em um artigo feito para o Daily Telegraph Science extra, Dawkins argumenta sua crença na ciência, e não deixa sombra de dúvidas de seu princípio a-religioso:

A crença científica baseia em evidências publicamente verificáveis, a fé religiosa não apenas carece de evidências; sua independência de evidências é sua alegria, proclamada do alto dos telhados.<sup>4</sup>  
(DAWKINS, 1989)

John C. Lennox, professor de matemática de Oxford também, discorda, alegando que a colocação de Dawkins se atribui a uma fé cega, contrapondo-o “de fato, a fé é uma resposta a evidências, não um alegrar-se na ausência de evidências.” Acaba que Dawkins acaba limitando a ciência , por “consequência de sua própria fé cega” (LENNOX, 2009, p. 21).

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto teve orientação da professora Doutora Simone Bortoliero, que aceitou de forma imediata ajudar-me na concepção e concretização do produto de forma geral. Em meio a tantas possibilidades de recorte para se trabalhar em torno do cristianismo, optei por concentrar-me na relação entre Ciência e Religião, mesmo diante da preferência de produzir um *doc* sobre a historicidade de Cristo e como as diversas áreas de conhecimento podem colaborar para remontar sua existência, vida e contribuições históricas, filosóficas e antropológicas para humanidade.

Através de pesquisas prévias, pude perceber a dificuldade que seria encontrar pesquisadores baianos especializados na temática, por isso a decisão de não recortar para a persona de Jesus Cristo e sim, da Religião cristã e estabelecer por meio dos depoimentos dos pesquisadores e professores um diálogo sobre o relacionamento da mesma com a Ciência. O que segundo Alan Rosenthal é determinante para a fase seguinte, a de pesquisa, “O que conduz sua pesquisa é a sua hipótese de trabalho. Dentro dos limites do seu assunto, você deve tentar descobrir tudo aquilo que for dramático, atraente e interessante.”. (ROSENTHAL *apud* PUCCINI, 2012, p. 31)

Após debruçar-me em torno da pesquisa qualitativa sobre história das ciências, historicidade do cristianismo e suas respectivas contribuições e conflitos. Procedimento que Puccini ressalta a importância para produção do documentário:

---

<sup>4</sup> João 20:31

“O documentarista deverá ler tudo aquilo que for possível, dentro dos limites do tempo disponível para produção, referente ao assunto escolhido, fazer um exaustivo levantamento(...) cabe ao documentarista, aprofundar seu conhecimento sobre o assunto.” (PUCCINI, 2012, p. 32)

Quase simultaneamente as pesquisas era o momento de mapear também as possíveis fontes, durante a reunião de orientação delimitamos que o produto deveria ter no máximo 10 fontes entre pesquisadores, professores e especialistas na área.

O objetivo inicial era entrevistar pelo menos cinco especialistas das áreas das Ciências Naturais e os outros cinco das Ciências Humanas, para equilibrar o debate. Todavia, por dificuldades diversas desde ausência de resposta, falta de disponibilidades e recusas por parte de alguns, deu-se que as entrevistas foram realizadas com quatro professores das ciências naturais e sete das humanidades. As áreas biológicas, teológica e do direito se repetem entre as fontes. Mas, como no caso do direito e teologia, os nomes escolhidos apresentam outras especializações e trabalhos que correspondem ao tema como filosofia, história, história das religiões, portanto, tiveram as pautas baseadas nessas outras linhas de conhecimento, não necessariamente equivalentes a atuação principal e/ou atual.

Os nomes escolhidos e que aceitaram participar do *Doc* foram (Em ordem cronológica de entrevistas): Jurandir Barreto<sup>5</sup> (Direito), André Luís Mattedi<sup>6</sup> (História das Ciências) Cleidiana Ramos<sup>7</sup> (Antropologia), Gilberto Bonfim<sup>8</sup> (Biologia), Fábio Augusto<sup>9</sup> (Teologia), Janaína Xavier (Artes), Tiago Alves<sup>10</sup> (Biologia), Dilson Calvacanti<sup>11</sup> (Direito), Igor Emanuel (Direito), Pr. Jimmy Cardoso (Teologia), Olival Freire<sup>12</sup> (Física).

Como metodologia empregada para entrevista, foram baseados nos livros de Paul Thompson e Sérgio Puccini. Entendendo todo processo desde as pesquisas prévias, a fluidez na entrevista, a extrema importância do entrevistador ter domínio do assunto para fazer com que o entrevistado vá além de respostas óbvias e diretas, estabelecer um diálogo instigante. O entrevistador não necessariamente precisa seguir todo o roteiro programado, a medida em que a entrevista tenha

---

<sup>5</sup> <http://lattes.cnpq.br/0475671793935444>

<sup>6</sup> <http://lattes.cnpq.br/4658965577765594>

<sup>7</sup> <http://lattes.cnpq.br/1510137763243074>

<sup>8</sup> <http://lattes.cnpq.br/1316138709601343>

<sup>9</sup> <http://lattes.cnpq.br/6296009029079452>

<sup>10</sup> <http://lattes.cnpq.br/1004105852620765>

<sup>11</sup> <http://lattes.cnpq.br/7065501475340449>

<sup>12</sup> <http://lattes.cnpq.br/5534156006634736>



fluidez outras perguntas e questionamentos vão surgindo para construir a dinâmica narrativa da história.

“Esse momento de entrevista constrói um personagem que se revela na interação com o entrevistador (muitas vezes, o próprio diretor do filme) - não em uma situação de ação, mas numa exposição oral, que pode descrever ações de uma narrativa ou simplesmente exteriorizar comentários.” (PUCCINI, p. 42)

Para as etapas seguintes da produção e confecção do documentário filmagem, decupagem, montagem e edição foram aplicados os métodos de Sérgio Puccini, encontrados no livro “Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção”.

Para a confecção da memória, realizei leituras, seguida de fichamentos e/ou resumos dos materiais lidos para embasar todo o trabalho.

## 5. O PRODUTO

O documentário “Diálogos entre Ciência e Religião na Perspectiva do Cristianismo” já pode ser considerado um documentário de média duração por ter 22 minutos com os créditos finais, assim como direcionou-me a orientadora Simone, Rosenthal limita esse tempo de duração como suficiente para obter a atenção e interesse total dos espectadores: “É bastante difícil manter a atenção do espectador em casos de filmes que excedam 30 minutos.” (ROSENTHAL *apud* PUCCINI, 2012, p. 38).

A lógica narrativa do *doc* foi realizada a partir da “exploração do recurso da entrevista como principal ponto de sustentação da estrutura discursiva do filme vem ser uma das características do gênero documentário.” (PUCCINI, p.38). Por isso, o sub-gênero do documentário conforme as definições de Nichols, se enquadra predominantemente no modo de filme expositivo, sub-gênero que se estabelece por ter fragmentos do mundo histórico, e um pouco do poético. A narrativa é sustentada pela retórica e argumento dos depoentes. Também é possível identificar a presença do modo participativo. Pois “as entrevistas ocorrem num campo de trabalho antropológico e sociológico(...) os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história.” (NICHOLS, p. 159,160). O documentário estabelece um diálogo entre Doutores, professores e pesquisadores acerca do panorama e todas as implicações históricas da relação entre Ciência e Religião. O documentário não segue uma linha cronológica de fatos, mas sustenta-se na estrutura de ganchos construída na própria narrativa.

## 5.1 Filmagens

As filmagens não foram realizadas em locações ou estúdios já que não era a proposta do documentário por não se tratar do sub-gênero ficcional ou poético. Os locais foram estabelecidos de comum acordo com as fontes, todos os encontros foram realizados dentro das Universidades de trabalho dos professores, em suas salas ou algum ambiente externo dentro da Faculdade, exceto o professor Jurandir Barreto, que recebeu-me em casa. Puccini define o local de entrevista como espaço neutro:

O local de uma entrevista, por exemplo, geralmente se apresenta como espaço neutro (...) não tem tanta importância para a montagem da estrutura discursiva do documentário no que se refere a um contexto cenográfico para ambientações das ações. Muitas vezes, essa neutralidade é reforçada pela utilização de um fundo infinito que serve apenas para destacar a presença do depoente, ou entrevistado, isolando-o do contexto em que a entrevista ocorre” (PUCCINI, p. 49)

Apesar do local ser um espaço neutro em alguns casos, o *background* da gravação pode contribuir na composição da entrevista, especialmente, por atribuir uma relação de proximidade com o personagem e seu depoimento e/ou área de atuação, sobre isso Puccini diz: “Existem é claro, aquelas relações óbvias do entrevistado com o fundo, que tanto o documentário como o jornalismo gostam de explorar e que podem muito bem ser subvertidas: o professor, ou o doutor, tendo ao fundo sua biblioteca.” (*Ibid*, p. 69) Esse fato pode ser identificado na entrevista com o professor Doutor Jurandir Barreto, que foi realizada tendo sua biblioteca particular como fundo, assim como o da professora Doutora Cleidiana Ramos que o fundo foi uma escadaria antiga dentro da *Faculdade Dois de Julho*.

As gravações foram feitas com uma câmera tipo DSLR<sup>13</sup> *Canon t5i*, lente 50mm, um microfone de lapela e um tripé com objetivo de manter um padrão de qualidade. Infelizmente, a única problemática na gravação foi com o professor Olival Freire, ao esquecer o cartão de memória no computador doméstico, logo para não perder a preciosa oportunidade, já que o mesmo tem uma agenda repleta de compromissos

---

<sup>13</sup> *Digital Single Lens Reflex*, câmeras consideradas profissionais pela estrutura do sensor fotográfico. Maiores informações disponível em: Disponível em: <https://fotografiadicas.com.br/o-que-e-uma-dslr/> Acesso em: 27 de Junho de 2018

devido às atividades na Pró-reitoria de Pesquisa, Criação e Inovação da UFBA realizei a gravação através do *smartphone Moto G5*.

Bill Nichols (2005) define como plano de enquadramento como a distância entre a câmera e objeto(s). O plano utilizado para as filmagens foi o plano *Close-up*, logo, com os entrevistados em primeiro plano. Esse plano é o qual enquadra os personagens de forma fechada da cintura para cima, além de dar um tom mais intimista e expressivo, é bastante o aplicado no jornalismo.

As opções quanto ao tipo de enquadramento ficam restritas às composições em plano médio, primeiro plano e close-up, podendo eventualmente o entrevistado ser mostrado de corpo inteiro. Não há muito sentido filmar toda uma entrevista em grande plano geral, fazendo com que o entrevistado ocupe um espaço mínimo do quadro. (NICHOLS, 2005, p. 68)

O plano trabalhado nas gravações, não foi uma opção escolhida, e sim determinada pela estrutura dos equipamentos disponíveis. Ao usar uma lente fixa 50mm, cuja abertura máxima é de 1.4mm, considerada uma lente clara, pois esse número implica que a lente recebe uma quantidade maior de luz, conseqüentemente a profundidade de campo é menor. Simplificando, a lente recebe mais luz, o que ajuda muito diante de ambientes com pouca iluminação e a profundidade reduzida desfoca o fundo e tudo aquilo que está distante da zona de foco, deixando os objetos focados em primeiro plano com maior destaque.

O uso do microfone de lapela, que tem 1 metro de comprimento, fez com que obrigatoriamente a distância entre as fontes e a câmera fosse estabelecido dentro desse perímetro de 1 metro, ou seja, foi o principal determinante para o enquadramento das filmagens, o que teve suas vantagens quando as fontes ficam mais paradas, sem mudar muito de posição. E desvantagens, quando havia maior movimentação para trás, frente e lados, acompanhado da vasta expressividade gestual das mãos, isso acarretou algumas situações que os gestuais ficassem fora de quadro, Dr. André Mattedi ou pior, que a pessoa saísse do ângulo de foco, como ocorrido com Dr. Jurandir Barreto.

Puccini destaca que o diretor do documentário deve se preocupar com o olhar do entrevistado, devido a isso fiquei atrás da câmera durante as filmagens, além de facilitar o manuseio e configuração na parte técnica das filmagens, contribuía para que as fontes olhassem para uma direção no ângulo da lente. “A direção do olhar é guiada pela posição do entrevistador, que pode estar dentro ou fora de quadro. Estando o entrevistador fora de quadro, uma única direção do olhar estabelece,



para o espectador, uma conversa com uma só pessoa.” (*Ibid*, p. 69) Mesmo após orientar as fontes a olharem para câmera com frequência, mas nem sempre isso acontecia, por intimidação com a câmera ligada, falta de familiaridade ou simplesmente por esquecimento. O olhar direto para câmera tem resultado direto sob o público: “Em alguns casos, o entrevistado pode ter a tendência a olhar para a câmera durante seu depoimento, o que implica uma comunicação direta não com entrevistador, mas com o espectador do filme.” (*Ibid*, p. 69)

Fora os detalhes mencionados acima, as filmagens foram bem sucedidas e sem muitos problemas técnicos, algumas gravações, as em locais mais abertos que oscilam um pouco na questão da iluminação, principalmente por causa da luz natural solar, mas nada muito gritante, que interferisse tanto na qualidade das imagens.

## 5.2. Áudios e Trilhas

Os áudios foram captados diretamente da câmera, captação de som direto conceituada por Puccini, “ O som direto é o som obtido em situação de filmagem. Neste grupo, encontramos os sons que se originam de entrevistas e depoimentos.” (*Ibid*, p. 62). A lapela conseguiu dar uma qualidade excelente aos áudios das gravações, apesar de que em algumas filmagens podemos notar ruídos de carros, pássaros ou movimentação de pessoas conversando, mesmo com esses sons alheios à gravação sendo percebidos, acredito que não prejudicou a audição dos depoimentos dos entrevistados.

Não optei por usar um microfone *boom* ou gravador externo, pois sabia que seria muito mais difícil de decupar e posteriormente sincronizar esse material na edição, além de perder um tempo precioso nesse processo que graças a lapela não foi gasto. Não se fez necessário a edição dos áudios, com exceção do Professor Doutor Olival Freire, cujo áudio da gravação teve que ser tratado no *software audacity*.

As trilhas inseridas no *doc* foram baixadas da biblioteca de áudio do *YouTube* e que possuem o direito creative commons (uso livre). Duas foram compradas em bibliotecas de áudio no *audiojungle.net*. Optei por trabalhar com narração, conhecida como *voz over*. A narração da abertura não feita em off, por terceiros foram trechos de falas dos próprios entrevistados. As intervenções ou ilustrações de conteúdos que precisavam de um destaque foram inseridos via cards animados e/ou texto.

- **Trilha abertura:** *Epic Cinematic Emotional* - (trilha comprada)
- **Trilha das frases/intertítulo:** *Cylinder Six* Por: Chris Zabriskie
- **Trilha “Teologia”:** *Cantus Firmus monks* Por: Doug Maxwell
- **Trilha de créditos:** *Epic Inspiring Cinematic Trailer*

### 5.3. Decupagem, montagem e edição

A decupagem, como já prevista, foi a etapa mais complicada de se enfrentar, pois além de assistir todo o material gravado, cerca de 4 horas de duração, era o momento de selecionar as falas principais para compor o *doc*. “O diretor faz um levantamento daquilo que vem a ser mais importante na cena. O que ela informa? Baseado nessa análise, o diretor decide qual será a melhor maneira de mostrar a cena cinematograficamente, de transpor para tela aquilo que é essencial.” (*Ibid*, p. 77)

Apesar da familiaridade com audiovisual, a concepção de um roteiro prévio dos vídeos que produzo, sempre foi uma tarefa difícil para executar. Por mais que tenha em mente o projeto de modo geral, a criação do roteiro sempre foi feita na fase de pós-produção do material. Logo, o roteiro do documentário também foi feito durante o processo de montagem, como Puccini define como ruptura dos documentários com roteiro prévio usado muito em produções cinematográficas:

A principal vítima dessa ruptura será, é claro, o roteiro de cinema. Ficarà abolida a obrigatoriedade da escrita de um roteiro no período de pré-produção. Falar em roteiro, agora, só terá sentido na etapa da pós-produção do filme. O filme será resultado de um árduo trabalho de montagem, que será feita valendo-se de muito material filmado. (PUCCINI, 2012, P. 15)

A medida que escolhia os principais depoimentos e sua estrutura, simultaneamente o roteiro de pós-produção voltado para direcionar na edição ia ganhando forma, “Nessa etapa, de pós-produção do filme, é comum recorrer-se à escrita de um roteiro que oriente a montagem.” (*Ibid*, p. 77) O roteiro de pós produção foi escrito manualmente na proporção que assistia os conteúdos, pois assistia no computador e já assinalava. Além de registrar e destacar o tempo e as falas essenciais, serviu para identificar os materiais complementares a serem inseridos, imagens, títulos, textos.

Entre as imagens obtidas por meio de recursos gráficos incluem-se as animações, a inserção e ilustração de dados técnicos (números, escalas, gráficos), importantes na síntese de uma determinada informação. As imagens em still, como fotografias e documentos relevantes(...) Por último, e bem mais frequente, temos os intertítulos, ou cartelas de informação textual inscritas na tela. (*Ibid*, p. 62)

Foram inseridas cartelas de informações textuais para contextualizar as falas dos depoente e títulos para introduzir cada bloco. As fontes tipográficas de textos usadas foram: “*Courrier*” e “*Abril fatface*”. As imagens e vídeos de apoio foram aplicadas para além de promover uma quebra no ritmo, ilustrar a narração dos personagens e sobrepor eventuais problemas técnicos das filmagens. As imagens utilizadas foram adquiridas em três sites<sup>14</sup> de banco de dados audiovisual com permissão de uso livre, *creative commons 3.0*.

A edição foi feita nos *softwares: Adobe Premiere e wondershare filmora*, baseado no roteiro de pós-produção para ser estruturada pelos questionamentos, juntamente com as respostas que o documentário deveria conter. Para que o filme fosse construído de acordo com os depoimentos dos participantes.

A primeira versão da edição ficou em 40 minutos. O vídeo foi renderizado e foi feita uma edição da edição, reorganizando as falas dando uma sequência lógica ao material. Ao ver que a nova versão piloto continha 35 minutos de duração, Simone recomendou-me, além de reduzir para 20 minutos, trabalhar em quatro blocos de depoimento e evitar repetir depoentes mais de uma vez por blocos de temas. O que foi muito difícil pois, apesar de boa parte das perguntas terem sido universais para todas as fontes, as respostas eram as mais diversas. E há sempre um personagem que desenvolve melhor certos assuntos, do que outros, tanto no aspecto da oralidade quanto no domínio.

O alvo da edição, além do sucesso em transmitir ao público a proposta impressa na identidade e essência do documentário, É ter uma estrutura concreta e lógica, mesmo não sendo ficcional, é imprescindível a disposição da tríade começo, meio e fim, principalmente que colabore com o entendimento e interesse do público.

#### **5.4. Dificuldades Enfrentadas**

---

<sup>14</sup> <https://pixabay.com/>  
<https://www.videvo.net/>  
<https://www.videezy.com/>

A primeira dificuldade enfrentada para o desenvolvimento do trabalho teve como protagonista, a própria idealizadora de tudo, ou seja, eu mesma. Além de lidar com o misto de sentimentos por estar concluindo mais uma etapa da graduação, a ansiedade acerca do futuro me paralisou logo quando deveria iniciar os trabalhos. Temores de não conseguir fazer um bom trabalho, receios por “enfrentar” as fontes acadêmicas em situação de entrevista, enfim, as emoções dificultaram bastante o andamento do projeto na sua fase inicial. Mas graças à Deus e as pessoas que me incentivaram a sair da zona de conforto e medo, inclusive a professora Simone, consegui despertar a tempo e correr atrás de realizar meu projeto.

O obstáculo seguinte se deu para o agendamento das entrevistas. Na medida em que o mapeamento das possíveis fontes foi sendo realizado, imediatamente já entrava em contato para saber do interesse e disponibilidade dos professores em participar. Entrei em contato com cerca de 20 pessoas ou mais. Todos os primeiros contatos se recusaram por motivos diversos desde agenda cheia de compromissos, por motivo de viagem, por insegurança ao falar sobre o assunto, ou pelo fato de não me conhecer: “não gostaria de participar de um trabalho sobre esse assunto sem conhecer você e suas inclinações filosóficas.”. Claro, que retornei agradecendo a resposta, já que não obtive por parte de muitos. Contudo, ao deparar-me com essa enxurrada de negativas, confesso que bateu um desespero, mas logo as afirmativas foram surgindo, consegui agendar com quatro nomes locais: Cleidiana, Jurandir, Gilberto e Mattedi.

Como até tinha consciência desde o anteprojeto da dificuldade de encontrar fontes na cidade, já tinha cogitado viajar para São Paulo, mas insisti muito tempo e esforço em concentrar-me nos pesquisadores daqui. No ato de desespero por só ter quatro fontes, enviei um email para Janaína Xavier curadora do Museu de Arqueologia Bíblica da UNASP (Universidade Adventista de São Paulo). Ela prontamente me respondeu e fez a ponte com os professores de lá. Enviei o email em um momento de loucura, já encontrava-me em uma situação tão desesperançosa que nem esperava retorno, ainda mais tão imediato, nem ao menos tinha certeza da viabilidade de ir, ainda mais se meus pais iriam autorizar, mas confirmei minha ida, conversei com meus pais e fui. Foi muito bacana lá, os professores todos solícitos e muitos com especialidade nas áreas, fiquei apenas dois dias lá em Engenheiro Coelho município de São Paulo que fica a 83 KM de distância do Aeroporto de Viracopos em Campinas. Ainda entrei em contato com Edvan Lessa<sup>15</sup> para

---

<sup>15</sup> Jornalista, ex-bolsista da Agência de Notícias em CT&I Ciência e Cultura, mestre em jornalismo científico pela Unicamp.

indicação de fontes da UNICAMP, mas acabou não sendo viável pela logística, permanência na cidade, planejamento financeiro, e outros motivos.

Durante as filmagens não tive muitos problemas técnicos, exceto mencionado anteriormente, no caso do professor Olival Freire. A dificuldade técnica nas primeiras gravações foi o tripé utilizado que não era apropriado para o tipo de gravação, pois a cabeça dele não era giratória, então, tive que usá-lo inclinado apoiado no meu corpo, o que fez com que não tivesse tanta firmeza, às vezes balançava um pouco.

A decupagem foi outro momento de dificuldade. Muitas horas de gravação, muitas horas para assistir e identificar as partes essenciais. O que colaborou com a dificuldade em montar e editar um material extenso. Outro fator que merece ser pontuado como dificultador, foi ter feito uso de uma lente de ângulo mais fechado, que influenciou diretamente nos cortes dentro da edição. Se tivesse feito uso de um plano mais aberto, facilitaria a aplicação do recurso de *jump cut*, o popular corte seco. Alguns depoimentos ficaram comprometidos devido a falta de familiaridade da fonte com a câmera, timidez ou até mesmo nervosismo, além da repetição constante de palavras ou/e houve casos de prolongamento de sílabas, alterando o ritmo das falas. Com um plano aberto, os cortes secos podem ser atenuados com o recurso de ampliar o enquadramento em *zoom*, o que não pôde ser feito por causa do plano em *close-up*. O ganho em termos técnicos de qualidade das imagens teve perda proporcional em recursos na pós-produção.

Confesso que subestimei os procedimentos para produção do documentário, no sentido de já trabalhar com audiovisual, filmar, decupar, montar e editar são funções presentes e pertinentes a minha realidade de trabalho. Se por um lado, a proximidade com o meio facilitou a produção do projeto, por outro atrapalhou pelo acúmulo de atividades a serem realizadas por uma única pessoa, acabou que fiquei sobrecarregada, conseqüentemente, sendo prejudicial na organização, estrutura e até administração do tempo dedicado a cada demanda, especialmente edição, montagem e o presente memorial descritivo. Outra questão determinante por causa do acúmulo de atividades foi a dificuldade em ter um olhar mais crítico sobre o documentário, sem paixões e inclinações por parte de quem realiza todo o projeto. Segundo Michel Rabiger (1998, p. 242), conforme citado por Puccini (2012, p. 95):

Em filmes de baixo orçamento, o editor e o diretor são, as vezes, a mesma pessoa, especialmente se o diretor quiser centralizar o controle do filme. Isso vem a ser um erro, porque um colaborador independente e criativo representa uma grande ajuda nessa fase. O diretor conhece todas as situações que produziram o filme, ao passo



que o editor encara o material com um olhar mais descompromissado, sem pré-julgamentos, e pode ver seu potencial mais realisticamente.

Ressalto também outra inquietação para com o fazer jornalístico, apesar das minhas preferências pessoais, desde o início do projeto tive a preocupação e cautela em ser imparcial dentro dos limites jornalísticos, entendendo a extrema importância da práxis jornalística como deve ser feita, com ética, responsabilidade e compromisso com a verdade. Por conta disso, atribuo o sensação de inquietude por não ter entrevistado um padre, freira ou representante direto do catolicismo, exatamente por compreender a importância de ouvir os dois lados, já que a instituição é tão mencionada nos depoimentos do documentário, além de contar com um pastor entre os participantes, infelizmente não conseguimos o agendamento com ninguém da matriz católica a tempo de compor o material.

Por fim, apesar de todos os obstáculos e dificuldades, acredito que fui bem sucedida em driblá-los com muito esforço e coragem para concluir o documentário com qualidade técnica, intelectual e de conteúdo, mesmo diante daqueles problemas que pareciam ser irreversíveis.

## **5.5 Entrevistas**

Foram realizadas no total de 12 entrevistas, sendo que somente uma ficou de fora do documentário, a da professora Doutora Janaína Xavier pois a entrevista tomou contexto que fugia ao idealizado pelo *doc*. O número de perguntas feitas a cada fonte ficou entre três a cinco perguntas. Dentre essas, algumas gerais e outras específicas relacionadas às áreas de atuação de cada professor. Vale ressaltar que, além das áreas de atuação, escolhi fontes cristãs e não cristãs para estabelecer um debate de ambos pontos de vista, conforme fundamento da práxis jornalística. O roteiro de perguntas está anexado ao final da memória. Abaixo os nomes dos entrevistados com seus respectivos currículos.

### **André Luis Mattedi Dias**

Pesquisa temas relacionados com a secularização das ciências: processos e teorias da secularização; relações entre ciências e religiões; secularização da psiquiatria / psicologia; problema da demarcação; naturalismo ontológico e metodológico; boundary work; saúde e espiritualidade; secularização e Universidade, a retomada do interesse científico e profissional pelas relações entre saúde mental, religião e espiritualidade. Professor da Universidade Federal da Bahia, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências -

PPGEFHC - (mestrado e doutorado), no Programa de Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade - EISU - (mestrado), e no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos ? IHAC ? (Bacharelados Interdisciplinares). Concluiu um estágio no Centre for the History of the Emotions, School of History, Queen Mary, University of London (Bolsa Estágio Sênior da CAPES 2014-2015).

### **Cleidiana Patricia Costa Ramos**

Doutora em antropologia pela UFBA (PPGA, 2017), mestra em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA (Pós Afro, 2009). Tem experiência na área de Jornalismo (Webjornalismo, Reportagem, Edição e Fotojornalismo) e Antropologia (Antropologia da Festa, Antropologia Visual, Estudos Étnicos e Africanos, Cultura Afro-brasileira e Memória ).

### **Dilson Cavalcanti Batista Neto**

Doutor em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Núcleo de Filosofia do Direito. Mestre em Direito pela Universidade Federal da Bahia, Linha de Pesquisa "Limites do Discurso Jurídico" . Graduado em Direito pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é professor de dedicação exclusiva no Centro Universitário Adventista de São Paulo. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Filosofia do Direito e Direito Constitucional, atuando principalmente nos seguintes temas: liberalismo político e democracia, legitimidade do controle de constitucionalidade, direitos naturais e liberalismo político; laicidade estatal.

### **Edemilson Alves Cardoso**

Bacharel em teologia pastoral e línguas bíblicas pelo SALT no IAE São Paulo (UNASP) e SALT IAENE (Faculdade Adventista da Bahia), fez mestrado em artes e ministério pastoral (MA) pela Andrews University e doutorado em ministérios (DMin) também na Andrews University. Tem formação em música, órgão litúrgico e piano. Pastor na igreja adventista no Brasil e nos Estados Unidos.

### **Fábio Augusto Darius**

Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, na área "Teologia e História" (2014/1) e pesquisador de História da Igreja. Possui mestrado nessa mesma instituição (2010/1) e graduação em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau FURB (2006/2). Docente no Centro

Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho, no Mestrado Profissional em Educação, Faculdade Adventista de Teologia (FAT) e Licenciatura em História.

### **Gilberto Cafezeiro Bomfim**

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1988), mestrado em Patologia pela Universidade Federal da Bahia (1998) e doutorado em Patologia pela Universidade Federal da Bahia (2009). Tem experiência na área de Biologia Geral, com ênfase em Biologia Celular e Molecular, atualmente participando de projeto de pesquisa envolvendo redes complexas e genômica e proteômica comparativas.

### **Igor Emanuel de Souza Marques**

Doutorando em Direito na FADISP (Faculdade Autônoma de Direito de São Paulo). Mestre em Ciências da Religião (2015) pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (2013). Bacharel em Direito (2008) e Bacharel em Teologia (2012) pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC). É advogado e desde 2014 atua como professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho (UNASP-EC), com concentração na faculdade de Direito. É também mediador e conciliador judicial credenciado junto ao Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (TJSP), atuando no Centro Judicial de Solução de Conflitos e Cidadania (CEJUSC) da Comarca de Artur Nogueira/SP.

### **Janáina Silva Xavier**

Graduada em Artes Visuais (2004), Especialista em Artes - Patrimônio Cultural e Conservação de Artefatos (2006), Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (2010) pela Universidade Federal de Pelotas e Mestre em Museologia (2015) pela Universidade de São Paulo. Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas. É professora do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP - Engenheiro Coelho) nos cursos de História, Pedagogia e Arquitetura e Urbanismo, ministrando as disciplinas de Estética e História da Arte, Patrimônio Cultural, Técnicas Retrospectivas, Arte e Educação e Introdução à Museologia. É curadora do Centro de Pesquisas Ellen G. White, do Centro Nacional da Memória Adventista e do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP EC, desenvolvendo ações relacionadas à gestão e conservação de acervos, pesquisa e



orientação, expografia e comunicação museológica. Tem experiência na área de Artes Visuais, Estética, Patrimônio Cultural, Memória Social e Museologia.

### **Jurandir Antonio Sá Barreto Júnior**

Possui graduação em História pela Universidade Católica do Salvador (1990), graduação em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (1993), graduação em Direito pela Universidade Católica do Salvador (1995), mestrado em Direito Público pela Universidade Federal de Pernambuco (2002), mestrado em Ensino História e Filosofia da Ciência pela Universidade Federal da Bahia (2004), é Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (2011) e realizou estágio Pós Doutoral em Ciências Jurídicas e Garantias Constitucionais na Universidad de La Matanza em Buenos Aires - Argentina (2012) e também estágio Pós Doutoral em Direito Internacional na Université du Québec à Montréal (UQAM) em Montreal - Canadá (2015). Atualmente é professor Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), da Faculdade da Cidade do Salvador e da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Atua principalmente nos seguintes temas: Introdução ao Estudo do Direito, Teoria da Interpretação Jurídica, História do Direito, Filosofia do Direito, Sociologia Jurídica e Projeto de Pesquisa em Direito.

### **Olival Freire Junior**

É Licenciado e Bacharel em Física pela UFBA, Mestre em Ensino de Física e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Professor Titular da Universidade Federal da Bahia e Pesquisador 1-C do CNPq na área de História da Ciência. Pesquisa em história da teoria quântica, história da física no Brasil, e usos da história e filosofia da ciência no ensino de ciências. Realizou estágios de pesquisa pós-doutoral nas universidades Paris 7, Harvard, MIT e Maryland. Em 2004 recebeu uma Sênior Fellowship do Dibner Institute for the History of Science and Technology, MIT, EUA. Em 2011 foi agraciado com o Prêmio Jabuti pela obra Teoria quântica: estudos históricos e implicações culturais, co-editado com O. Pessoa e J.L. Bromberg. Publicou 70 artigos em periódicos especializados, 3 livros, 5 coletâneas e 48 capítulos de livros. Dentre os livros publicados está "The Quantum Dissidents - Rebuilding the Foundations of Quantum Mechanics 1950-1990". É o atual Pró-Reitor de Pesquisa, Criação e Inovação da UFBA. Foi presidente da Commission on the History of Physics - Division of History of Science and Technology (2013-2017) e um dos criadores e primeiro coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (M/D, UFBA-UEFS, Conceito 5 CAPES). Integra o conselho da History of Science Society

(EUA) no período 2018-2020. Orientou 11 teses de doutoramento e 19 dissertações de mestrado.

### **Rodrigo Pereira da Silva**

Possui graduação em Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (1992), graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (1999), mestrado em Teologia Histórica pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - atual Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE (1996). Especialização em arqueologia pela Universidade Hebraica de Jerusalém (1998). Doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. S. Assunção - atualmente vinculada à PUC SP (2001). Estudos pós doutorais com concentração em arqueologia bíblica pela Andrews University, EUA (2008). Doutor em arqueologia clássica pela Universidade de São Paulo com bolsa da Capes a partir de novembro de 2010 a março de 2011. É professor de Teologia e Arqueologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo - Campus Engenheiro Coelho, SP (UNASP-ec), curador do Museu Paulo Bork de Arqueologia do Oriente Médio e apresentador do documentário semanal "Evidências", transmitido pela TV Novo Tempo.

### **Tiago Jorge Alves de Souza**

Bacharel em Ciências Biológicas, formado pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE)/Unesp (2010) onde foi bolsista FAPESP durante 2 anos (2009-2010). Mestre (2013) e Doutor (2018) em Ciências Biológicas na área de concentração Genética pelo Departamento de Genética da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP)/USP. Possui experiência na área de Genética Molecular, Bioinformática, Citogenética e Mutagenese .

## **5.6. Estratégias de divulgação**

O documentário encontra-se disponível para o público através do YouTube<sup>16</sup>, porém, só torná-lo acessível não é suficiente, como profissional da comunicação entendo a necessidade de um plano com ações para divulgação. Para isso, conto com o auxílio dos participantes das entrevistas na divulgação individual do produto. Compartilhamento nas redes sociais. A Agência de Notícias Ciência e Cultura irá anexar o produto em uma reportagem para o veículo online sobre a Ciência e Religião. A assessoria da UNASP demonstrou interesse em publicar o *doc* em suas

---

<sup>16</sup>[https://youtu.be/A6uutti\\_xK4](https://youtu.be/A6uutti_xK4)

plataformas digitais, com possibilidade de exibição no canal da TV Novo Tempo. Se assim concretizado deverá ser projetado em programas correlatos ao tema, exemplo do programa de história e arqueologia bíblica “Evidências” apresentado pelo Dr. Rodrigo Silva que também participou do projeto. A TVE (Televisão Educadora) e o Canal Futura são outros veículos pretendidos para uma possível parceria em divulgação e exibição. É importante ressaltar, a necessidade de autorização do uso de imagens de todos os entrevistados para fins legais. Para conhecer mais dos trâmites do direitos de imagem, exibição sem fins lucrativos e tudo que permeia o processo de divulgação, contarei com assessoria de profissionais do direito e da comunicação para evitar quaisquer agravante ou impedimento futuro.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Particularmente, entendo que é possível sim estabelecer um diálogo entre a Ciência e a Religião, em especial a cristã, - recorte do presente projeto - considerando a importância, contribuições e valor social que cada uma dispõe para seus agentes e para humanidade de modo geral, seja as do passado ou contemporânea. O raciocínio científico não o fez e nem o fará em abolir ou impelir qualquer forma e representação religiosa, muito menos a fé pessoal de cada um, seja ele cientista ou não. Por outro lado, a fé não impossibilita o cientista de produzir pesquisas e estudos de qualidade, inclusive se estudar a própria religião, fé e Jesus.

Reforço aqui a constante preocupação em promover a Ciência como bem social, sobretudo com o ideal de incentivar a comunidade a fazer Ciência, entendendo a Ciência como um patrimônio imaterial social, e nós como agentes produtores, participantes e consumidores das ciências temos obrigação de lutar para desconstruir a ideia criada no imaginário popular, fruto de um senso comum fortalecido por anos que a ciência é restrita a laboratórios, tubos de ensaio, jaleco branco, estudos da natureza e homens. Esse último item observado na realização do trabalho, ao ser notório a ausência de mulheres no cenário científico. Reconhecendo como mulher e negra, dois fatores sociais que já geram bastante dificuldade e exclusão dentro de diversos panoramas na nossa sociedade machista e preconceituosa. Por isso, a representatividade feminina na pessoa da Dra. Cleidiana Ramos é de extrema importância para além do conteúdo intelecto-cultural, mas como representante assim como a mim, Simone Bortoliero, Nádya Conceição e tantas outras mulheres que lutam pelo combate à discriminação e por um espaço igualitário para todas nós, seja lá onde queremos estar.

Falando ainda de discriminação, hostilidade e intolerância são outros revés que busco extinguir acerca da Religião Cristã. Jesus foi uma pessoa que buscou romper com as imposições sociais presentes desde sua época, ele lutou pelos desfavorecidos, excluídos, pelas mulheres, e todos aqueles que estavam à margem da sociedade em desprezo e rejeição até das autoridades religiosas e políticas locais. Infelizmente uns se apropriam dos benefícios do conhecimento científico para propagar a maldade, como no caso das armas bélicas e químicas, resultando em usos negativos por parte de alguns agentes pretensiosos. Na Religião também acontece da mesma forma, pessoas que se apropriam da Religião para hostilizar, rejeitar, dominar, tudo em oposição a representatividade e legado de Jesus. Ou seja, não podemos desconsiderar todas suas contribuições por conta de más “representantes”.

Encerro o trabalho com a sensação de dever cumprido e satisfação de realizar o projeto com êxito . Além da contribuição de trazer para academia e fora dela uma temática tão interessante do ponto de vista histórico, filosófico e antropológico, a finalidade de desconstruir preconceitos, mitos e conflitos gerados principalmente por falta de um diálogo salutar de ambas as partes. Poder deixar minha marca através de um debate enriquecedor é muito satisfatório. Por fim, ressalto que pretendo dar continuidade ao projeto, produzindo uma série de outros documentários de média duração a partir de aspectos que ficaram de fora do atual material, inclusive com o projeto inicial de remontar a historicidade de Jesus. Pretendo aproveitar o material já coletado, realizar novas entrevistas e posteriormente publicar a série completa em plataformas de vídeo, como *Youtube* e *Vimeo*.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Cristiane A. De. A Procura do Conceito de Religio: Entre o Relegere e o religare. *Religare*, Juiz de Fora, p. 90 - 96, 2010. Disponível em: <<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/viewFile9773/5351>> Acesso em: 06 set. 2017.

BRANDÃO, Ana Rute Pinto. A Postura do Positivismo Com Relação às Ciências Humanas. **Theoria Eletrônica da Filosofia**, Alagoas, v. 03, n 06, p. 80 -85, 2011.

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros Conceitos. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras do Porto**, Lisboa, v. 24, p. 171-193, 2012.

DE NOVAES, Allan Macedo. **Jornalismo de Controvérsia: Uma análise do tratamento jornalístico dado pela revista Superinteressante às incertezas científicas**. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2008.

FRANÇA, Martha. Divulgação ou jornalismo? Duas formas diferentes de abordar o mesmo assunto. In: VILAS BOAS, Sergio. **Formação & Informação científica – jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, 2005. p.31-48.

FURTADO, Thaís. **O aprofundamento como caminho da reportagem de revista**. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges Toni (org.). A revista eseu jornalismo. Porto Alegre: Penso, 2013.

GEISLER, Norman; TUREK, Frank. **Não tenho fé o suficiente para ser ateu**. São paulo: Editora Vida, 2006, p. 72 - 95.

HAMMES, Érico João. **Pode teologia ser ciência?** Teocomunicações, Porto Alegre, no 153, set. 2006. Pp. 541-554.

IBGE. Censo 2010: **número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>>. Acesso em: 25 de agosto de 2017

IVANISSEVICH, Alicia. A mídia como intérprete – como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: VILAS BOAS, Sergio. **Formação & Informação científica – jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, 2005. p.13-30.

LENNOX, John C. **Por que a ciência não consegue enterrar Deus?** São paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 20 - 63.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: papyrus, 2005.

NUMBERS, Ronald L. **Mitos e verdades em ciência e religião: uma perspectiva histórica.** 2009

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico.** São Paulo: Contexto, 2002.

PINTO, Cíntia Xavier da Silva. **O documentário como produção jornalística: nos limites da pesquisa experimental em trabalhos de conclusão em jornalismo.** 2011, p. 77 - 86.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção.** São Paulo: papyrus, 2012.

SCHRODER, Melissa Regina. **Jornalismo e fé: Os sentidos sobre religião na revista Superinteressante.** Porto Alegre, 2015.

SILVA, Eliane Moura Da. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p. 1 - 14, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, Cap. 7, p. 254 - 278, 1992.

TUFFANI, Maurício. Ciência e interesses – as regras do jogo acima do método e da razão. In: VILAS BOAS, Sergio. **Formação & Informação científica – jornalismo para iniciados e leigos.** São Paulo: Summus Editorial, 2005. p.49-68.

## ANEXOS

### ROTEIRO DE PERGUNTAS

**Objetivo: Elaborar perguntas que se conectem e dialoguem com as diversas áreas do conhecimento.**

- **Metas: 3 - 5 perguntas gerais. 2 - 3 perguntas específicas.**



No ensaio “Por que não sou cristão”, o filósofo Bertrand Russell afirma: “É bastante duvidoso do ponto de vista histórico que Cristo tenha existido, e, se existiu, nada sabemos sobre ele.” Atualmente você acredita que tal afirmação procede cientificamente? (Específica)

O raciocínio científico abole a crença no cristianismo? (Geral)

John William Draper, primeiro autor a falar sobre história da ciência e do cristianismo em seu livro “A história do conflito entre a Religião e a Ciência, posteriormente Andrew Dickson White com “história da Guerra da ciência com a teologia na Cristandade”, ambos apontam o conflito entre ciência e cristianismo, declarando ser “um conflito antigo, uma guerra que perdurou mais do que as batalhas mais sangrentas”, a partir da concepção histórica de que a religião institucionalizada sempre se opôs ao progresso científico, esse pensamento de conflito ainda se aplica ao contexto atual? (Geral)

Uma instituição acadêmica confessional pode ser imparcial na produção e ensino científico?

As motivações teológicas e ideológicas põem em dúvida a capacidade e disposição dos cientistas de fazer Ciência imparcial? (Geral)

A Bíblia pode ser usada como fonte científica, no ponto de vista correspondente a sua área de atuação? (Geral)

Qual a Distinção das Ciências Naturais das Humanas? (Específica)

Teologia pode ser considerada como ciência? (Específica)

Existe preconceito e rejeição da academia e comunidade científica para com cientistas que professam serem cristãos?

Consideração Final acerca da Ciência e Religião. (Geral)

## **ROTEIRO DE PÓS-PRODUÇÃO: EDIÇÃO**

Estrutura de cinco tópicos numa lógica narrativa direta, sem cards ou intertítulos de divisão dos tópicos em blocos. As mudanças de tópico serão feitas pelos próprios depoentes.

### **TÓPICOS:**

- O que lida as Ciências da Natureza e as Ciências Humanas?
- Teologia é Ciência?
- Tese do conflito: Instituições Religiosas x Ciência, Cientistas religiosos que produzem Ciência
- Educação em instituições confessionais
- A Bíblia um livro de fé e razão?
- Considerações Finais

**ABERTURA:** Seleção de trechos curtos de áudios dos entrevistados e compor com imagens que possam contextualizar a fala com a imagem. Introduzindo um pouco do tema.

- Primeiro Card: As ciências, seus objetos e métodos
- Card: Teologia é ciência? (após fala de Fábio introdução para Pr. Jimmy)
- Card: Instituição Religiosa & Instituição Científica
- Card: A Bíblia no centro da Fé & Razão
- Religião, Ciência & Educação (Religião e Ciência na academia)
- Finalização